

CONGRESSO DA UNE DE 68: quando a Lapa fica na China

Augusto César Petta*

Os cientistas sociais têm valorizado significativamente depoimentos daqueles que vivenciaram momentos importantes da história do Brasil. Por ter participado ativamente do movimento estudantil nos anos 60, tenho sido procurado constantemente por estudantes, principalmente da área de Humanas, para prestar depoimentos relativos ao tema. Essa procura me motivou a escrever sobre um episódio importante ocorrido em outubro de 68: o 30º Congresso da UNE, realizado em Ibiúna (SP).

A participação no movimento estudantil, nos anos 60, foi de fundamental importância para a minha vida. Compreendi com muita clareza o papel que poderia desempenhar na luta pela transformação profunda da injusta sociedade em que vivemos. Quero aproveitar o ano de 2008 – quando comemoramos quatro décadas – para transmitir, sobretudo aos mais jovens, essa rica experiência que vivenciei.

Em primeiro lugar gostaria de destacar mais especificamente detalhes de nossa chegada ao local do evento que são reveladores da repressão instalada no país. Naquele momento a União Nacional dos Estudantes estava atuando na ilegalidade em função da determinação extremamente autoritária da ditadura militar implantada em 1964.

A diretoria da UNE – cujo presidente era Luís Travassos – teria que tomar todas as medidas possíveis para que os participantes do Congresso não fossem

Em 12 de outubro de 1968, mais de 700 estudantes são presos no Congresso da UNE em Ibiúna



Por ter participado ativamente do movimento estudantil nos anos 60, tenho sido procurado constantemente por estudantes, principalmente da área de Humanas, para prestar depoimentos relativos ao tema. Essa procura me motivou a escrever sobre um episódio importante ocorrido em outubro de 68: o 30º Congresso da UNE, realizado em Ibiúna (SP).

presos. E o nível de organização tinha que ser muito aprimorado. Nesse momento eu cursava Ciências Sociais na PUC-Campinas e presidia o Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Alguns meses antes recebemos a informação, proveniente da Diretoria da UNE, de que o Congresso seria realizado, ainda em 68, porém sem data e local definidos. Caberia às diretorias de Diretórios e Centros Acadêmicos a tarefa de promover a eleição dos delegados e aguardar o comunicado da data e local do Congresso para que os eleitos pudessem participar.

As entidades estudantis, em todo o país, arregaçaram

as mangas para executar com muito cuidado as determinações da Diretoria da UNE. Ao mesmo tempo, procuramos nos preparar para o debate dos temas referentes à conjuntura política nacional e internacional, à educação e ao movimento estudantil.

Cada um dos delegados recebeu uma orientação para se deslocar e chegar ao Congresso. Saímos de nossas residências sem saber o local. No meu caso, a orientação que recebi foi a de estar, na data estabelecida, 10 de outubro, exatamente às 10 horas, numa determinada esquina da Avenida Angélica, em São Paulo. E foi o que fiz. Ao chegar, seguindo a orientação, me dirigi

a uma fila de ônibus, na frente de uma padaria, onde encontrei um jovem vestido com “roupa de padre”, lendo um exemplar da Revista Realidade.

Imediatamente perguntei, ainda conforme a orientação: “Onde fica a Lapa?” E ele respondeu: “A Lapa fica na China.” Só assim eu tive a tranqüilidade de dizer: “Eu estou aqui para ir ao Congresso.” Ele solicitou que junto com ele nos dirigíssemos ao Campus da USP. Chegando lá, disse-me que eu deveria ficar no Campus e que, à noite, voltaria para que pudéssemos nos dirigir ao local do Congresso. No horário estabelecido ele voltou e, juntamente com outros 3 jovens, de carro fomos por uma estrada até um determinado ponto. Aí ele nos orientou a descer do carro e caminhar na mata até encontrar um caminhão, já com um contingente de estudantes. Foi o que fizemos e na carroceria desse caminhão fomos transportados para o local do evento, que era um sítio no município de Ibiúna. Havia uma espécie de arquibancada de campo de futebol, e lá nos alojamos todos.

Eram mais de setecentos estudantes oriundos de todos os estados brasileiros. A alimentação, evidentemente, era muito precária: alguns panelaços de arroz e caldo de feijão, pão e café. Aliás, em função da necessidade de comprar pães é que surgiu a história de que essa compra poderia explicar a prisão de todos nós. A história é a seguinte: alguns colegas encarregados de providenciar a alimentação teriam ido a uma padaria na pequena cidade de Ibiúna (na época com aproximadamente seis mil habitantes) e solicitado ao proprietário da mesma que providenciasse dois mil pãezinhos. O proprietário, assustado com o pedido, teria avisado a Polícia e esta teria tomado as providências para nos prender. Essa estória é sempre

Imediatamente perguntei, ainda conforme a orientação: “Onde fica a Lapa?” E ele respondeu: “A Lapa fica na China.” Só assim eu tive a tranqüilidade de dizer: “Eu estou aqui para ir ao Congresso.”

lembrada quando se escreve sobre o referido Congresso, mas a verdade parece estar relacionada a um processo dos órgãos de repressão que infiltravam elementos delatores das ações de estudantes comprometidos com a luta pela libertação do nosso povo.

No primeiro dia do Congresso discutimos quem eram efetivamente os delegados que teriam direito a votar. Essa discussão foi ríspida em determinados momentos, em função da eleição da nova diretoria da UNE, que aconteceria no último dia do Congresso. Duas chapas estavam em condições, pelo número de delegados que tinham, de disputar a direção da UNE: uma liderada por Jean Marc van der Weid, ligada à AP-PCdoB e a outras forças; a outra liderada por José Dirceu, do PCB, e vinculada também a dissidências do PCB e outras forças. O equilíbrio entre as duas chapas seria muito grande. Além dos dois líderes que encabeçavam as chapas, estavam presentes muitas outras lideranças importantes, com destaque para o então Presidente da UNE, Luís Travassos, para o Presidente da União Metropolitana dos Estudantes do Rio, Wladimir Palmeira, e para Antonio Ribas, da UBES, representando os estudantes secundaristas.

Congresso da UNE 68: quando a defesa de teses acontece na cadeia

Estávamos nós, mais de 700 delegados, reunidos no dia 12 de outubro de 1968 pela manhã, nos acomodando numa arquibancada semelhante à de jogos de futebol

para dar início às discussões políticas do Congresso. Foi quando começamos a ouvir o barulho de tiros. Imediatamente nos lembramos da orientação que já havia sido debatida e permanecemos onde estávamos, quietos, sem empreender nenhuma reação. Agentes do DOPS e policiais da Força Pública do Estado de São Paulo, sendo ordenados pelo Governador Abreu Sodré, cercaram todo o local onde nos encontrávamos e gritavam nos chamando de subversivos e comunistas. Esses dois termos, que para eles tinham um caráter extremamente pejorativo, agressivo, de ataque a todos nós, revelava o conteúdo da opção política de muitos de nós. Subversivos, no sentido de não concordar com a ordem injusta imposta pela ditadura militar e de querer alterá-la profundamente ou subvertê-la, e comunistas no sentido de que a luta desenvolvida e os conceitos teóricos que abraçávamos nos davam a certeza de que o capitalismo seria superado pelo modo de produção socialista, que por sua vez iria desembocar na sociedade comunista preconizada por Marx e Engels.

Após nos dirigirmos, já presos, aos locais precários onde deixamos nossas roupas e outros pertences, fomos colocados em uma longa fila. Nesse momento, uma estudante, que depois se transformou numa grande educadora, professora da Unicamp que até hoje luta pelos mesmos ideais da construção de uma sociedade justa, sentiu-se mal e desmaiou. Imediatamente arrumamos uma padiola e contando com mais três colegas a socorremos; logo depois ela melhorou.

Um jornalista que cobria a prisão fotografou esse momento e essa foto foi publicada no dia seguinte na Folha de São Paulo. Imaginem a tensão fortíssima que atingiu nossos pais ao verem os filhos com fotos estampadas sabendo o que o destino poderia reservar numa época de duríssima repressão da ditadura.

Voltando ao momento da prisão, na minha frente os policiais identificaram José Dirceu, presidente da UEE-SP e candidato a presidente da UNE, e logo após Luís Travassos, presidente da UNE, que encerraria seu mandato naquele Congresso. Caminhamos vários quilômetros até chegar a um gramado amplo em que nos ordenaram que sentássemos a fim de que os comandantes da operação identificassem outras lideranças de expressão nacional. Quando um dos que comandavam a operação identificou o Presidente da UPES, Antonio Ribas, disse mais ou menos o seguinte: “Você não tem jeito mesmo, seu Ribas, foi preso entregando panfletos no Desfile de 7 de setembro, em São Paulo, foi solto na véspera desse Congresso da UNE. Hoje, três dias depois de ser solto, já é preso novamente. Você é caso perdido.”

Enquanto ouvíamos a preleção dos agentes da ditadura os ônibus começaram a chegar para nos levar para São Paulo. Uma fila de no mínimo 20 ônibus desfilou nas ruas de São Paulo, sob os olhares curiosos das pessoas, até chegar no Presídio Tiradentes.

Chegando ao presídio, fomos alojados em celas que abrigavam, cada uma delas, 60 estudantes, evidentemente em condições muito precárias. As portas de

Enquanto ouvíamos a preleção dos agentes da ditadura os ônibus começaram a chegar para nos levar para São Paulo. Uma fila de no mínimo 20 ônibus desfilou nas ruas de São Paulo, sob os olhares curiosos das pessoas, até chegar no Presídio Tiradentes.

Estudantes presos em Ibiúna são levados para quartéis e prisões em São Paulo



entrada e de saída das celas eram voltadas para um saguão retangular. Essa disposição física permitia que nos horários das refeições que eram servidas nesse saguão, houvesse uma comunicação entre os estudantes das várias celas. Foram essas condições que permitiram o debate das teses do Congresso. O esquema planejado e executado foi o seguinte: em todas as celas, promoveu-se o debate das teses relativas à conjuntura internacional e nacional, à educação, ao movimento estudantil e ao calendário das lutas a serem desenvolvidas. Após o debate de cada um dos temas, procedia-se à votação, proclamava-se o resultado, tendo cada uma das tendências que apresentava propostas seus respectivos fiscais. No horário das refeições, em que todos daquela determinada cela saíam para o saguão, os fiscais comunicavam os resultados para os fiscais respectivos das outras celas, ao mesmo tempo em que

contabilizavam os resultados verificados nessas outras celas. Dessa forma, a soma dos votos obtidos em cada uma das celas para cada uma das propostas permitia verificar quais as teses vencedoras.

Como a eleição para a diretoria da UNE certamente seria definida com uma diferença muito pequena de votos, portanto numa disputa muito acirrada, não houve condições de realizá-la no Presídio Tiradentes. Acabou ocorrendo posteriormente, num congresso menor, no qual foi eleito Presidente o estudante Jean Marc Van de Weid.

Congresso da UNE 68: quando o destino é o Carandiru ou o Tietê

Num dos dias em que ficamos no Presídio Tiradentes, uma mulher presa em cela solitária, localizada no andar inferior, comunicou-se conosco, em voz alta, dizendo que muitos presos, à noite, eram jogados no Rio Tietê. No clima em que vivíamos na época, o medo de todos foi grande. Será que eles chegariam a esse ato extremo? Será que estariam dispostos a enfrentar a

As portas de entrada e de saída das celas eram voltadas para um saguão retangular. Essa disposição física permitia que nos horários das refeições houvesse uma comunicação entre os estudantes. Foram essas condições que permitiram o debate das teses do Congresso.

repercussão altamente negativa? Afinal, nós pertencíamos à minoria de jovens que tinha o privilégio de chegar à Universidade! Na noite que se seguiu à fala da mulher, fomos acordados com gritos dos carcereiros: “Comunistas, vermelhos, subversivos, acordem, vocês irão sair daqui logo mais, mas não pensem que ficarão livres!” Imediatamente levantamos e um pensamento tomou conta de nossas cabeças: Rio Tietê!!!!

Fomos deslocados às 4 da manhã, em vários ônibus, no sentido do Rio Tietê, pela Avenida Tiradentes. Chegamos ao Carandiru. Que alívio!!! Tínhamos deixado o Rio Tietê para trás.

Ao chegar ao Carandiru, logo percebemos que as melhores acomodações foram destinadas a nós, filhos da classe média. Os presos comuns foram retirados das suas celas e colocados em lugares em piores condições. Lembro-me de um diálogo de dois estudantes presos: “Não podemos aceitar essa injustiça. Os presos comuns por serem mais pobres foram obrigados a ceder seus lugares. Precisamos protestar.” O outro respondeu: “Nós não temos que protestar coisa nenhuma, o que temos a fazer é conseguir sair da prisão o mais rapidamente possível. Quando sairmos, os presos comuns voltarão aos seus lugares.”

Os estudantes que não eram do estado de São Paulo foram deslocados para seus respectivos estados. Desde quando estávamos no Presídio Tiradentes os protestos começaram. Assembleias, passeatas, protestos das mães e outros familiares, enfim um grande movimento foi sendo organizado para exigir a libertação dos estudantes presos. Esse movimento possibilitou que pudéssemos receber visitas, o que o fizemos vestidos com uniformes tradicionais de presos. Nós, que defendíamos uma posição

Nem todos os estudantes foram soltos, sendo que alguns ficaram presos até dezembro de 1968. As lideranças principais ficaram presas até 69, quando foram trocadas pela libertação do Embaixador dos EUA no Brasil, que havia sido seqüestrado.

mais ofensiva - sob influência da Ação Popular (AP) - dissemos aos que nos visitaram que queríamos o movimento estudantil nas ruas para denunciar firmemente as prisões. Entre os visitantes estava Maria Clotilde Lemos, a Tide, então minha namorada, estudante de Ciências Sociais na Universidade Católica de Campinas, com quem me casei quatro anos após e tive a felicidade de ter quatro filhos, todos participantes do movimento estudantil e engajados na luta pela transformação da sociedade, sendo que um deles, Gustavo, foi Presidente da UNE no período 2003-2007.

Na assembléia realizada em Campinas, com uma presença massiva de estudantes da UCC e da Unicamp, Tide, seguindo a orientação recebida por ocasião da visita, foi uma das defensoras da proposta de que o movimento estudantil fosse às ruas, contra a proposta dos que seguiam a linha do PCB - mais cautelosa e na verdade mais defensiva em função da análise que fazia da correlação de forças naquele momento. A posição defendida pelos seguidores da AP foi vitoriosa e os estudantes foram para as ruas de Campinas.

Diante dos protestos em todo o Brasil, e da interferência de personalidades importantes, deu-se a libertação dos presos políticos. Antes, porém, passamos pelo DOPS para novo depoimento. Estava sendo formulado o que diziam ser, naquela época, o maior processo da justiça brasileira, em número de envolvidos. Dirigimo-nos cada um

para nossas respectivas cidades, onde fomos entusiasticamente recebidos pelos estudantes e por outros companheiros e companheiras de luta, naquele terrível momento da história do Brasil.

Nem todos os estudantes foram soltos, sendo que alguns ficaram presos até dezembro de 1968. As lideranças principais ficaram presas até 69, quando foram trocadas pela libertação do Embaixador dos EUA no Brasil, que havia sido seqüestrado.

Muitas pessoas poderiam ser lembradas pelo papel que desempenharam ao lado dos estudantes. Eu gostaria de lembrar aqui duas delas: Padre Haroldo Niero, já falecido, que em 1968 era professor da Universidade Católica de Campinas e Capelão do Exército, e se dispôs a ser minha testemunha de defesa no processo instalado por ter participado do Congresso, e Dona Amélia Palermo, na época diretora do Colégio Progresso, que com muita força e altivez enfrentou os pais dos alunos do colegial, que ameaçavam retirar seus filhos da escola caso um professor preso e processado continuasse a lecionar. Meu emprego foi garantido por ela e os pais recuaram e permitiram que seus filhos continuassem estudando no Colégio Progresso.

O grande processo que foi se desenvolvendo na justiça militar acabou sendo arquivado em 1979, com a conquista da Anistia. ●

* **AUGUSTO CESAR PETTA** é diretor do Sindicato dos Professores de Campinas e Região e do Centro de Estudos Sindicais.